



10 ANOS DE LARP

TRAJETÓRIA E PERSPECTIVAS

Coordenadores
Maria Isabel D'Agostino Fleming
Vagner Carnevalheiro Porto

<http://www.larp.mae.usp.br/>

L.A.R.P.
LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA
ROMANA PROVINCIAL

10 Anos de LARP: Trajetória e Perspectivas

Coordenação

Maria Isabel D'Agostino Fleming

Vagner Carnevalheiro Porto

São Paulo

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

10 anos de LARP : trajetórias e perspectivas / Maria Isabel D'Agostino Fleming,
Vagner Carvalho Porto, coordenadores ~ São Paulo : Museu de Arqueologia
e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2023.

297 p.; il. color.

ISBN: 9786599306273

DOI: 10.11606/9786599306273

1. Arqueologia digital. 2. Arqueologia romana. 3. Cerâmica. I. Fleming, Maria
Isabel D'Agostino. II. Porto, Vagner Carvalho. III. Universidade de São Paulo.
Museu de Arqueologia e Etnologia.

Ficha catalográfica elaborada por Monica da Silva Amaral - CRB/8-7681

Comissão Científica: Alessandro Mortaio Gregori
Lygia F. Rocco
Silvana Trombetta

Capa: Lygia F. Rocco
Foto: Beit She'an, Israel. Autoria: Lygia F. Rocco
Diagramação: José Luiz de Magalhães Castro Neto

Sumário

1 Apresentação

Primeira Parte

- 5 Maria Isabel D'Agostino Fleming
10 Anos de LARP - sua Trajetória em dois Grandes Ciclos
- 17 Vagner Carneiro Porto
Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (LARP): Perspectivas consolidadas, horizontes alvissareiros
- 27 Pedro Paulo A. Funari
LARP-USP, 10 anos: perspectivas inovadoras sobre o mundo romano, a serviço de estudiosos e do público

Paisagem - Território - Urbanismo

- 37 Claudia Ribeiro Campos Gradim
Os Banhos Herodianos: precursores dos banhos romanos na Palestina
- 45 Gabriela R. Marques de Oliveira
Tel Dor, decadência ou ascensão? A trajetória de uma cidade Sírio-Palestina no mundo romano

Humanidades Digitais

- 57 Kelly Gillikin Schoueri
Rome is where the *aedes* is. Simulating Roman military identity and loyalty in locations of transition
- 71 Marcio Teixeira-Bastos
Arqueologia Digital, Humanidades Digitais e Arqueometria nos Estudos do Oriente Médio Romano e Bizantino
- 119 Guilherme Diogo Rodrigues
Jessica Silva Mendes
Cleberson Henrique de Moura
Ana de Carvalho Rigolon
Digitalizando a arqueologia com *Reflectance Transformation Imaging (RTI)* no LARP

Numismática

- 135 Tais Pagoto Bélo
Lívia: entre moedas e a “institucionalização” da mulher romana
- 147 Gladys Mary Santos Sales
Estruturas de poder e memória monumental observadas nas moedas de Jerusalém/Aelia Capitolina no século II EC

Educação

- 161 Alessandro Mortaio Gregori
Os projetos digitais do LARP e sua interface educativa: Dez anos de interação entre a universidade e o ensino básico
- 173 Raquel dos Santos Funari
O acervo egípcio a serviço da educação

Acervos

- 187 Cássio de Araújo Duarte
Sobre caixões e sarcófagos
- 209 Jessica Silva Mendes
A coleção egípcia do MAB-UNASP e suas réplicas
- 221 Marjori Pacheco Dias
Diego Lemos Ribeiro
Política de Descarte: uma Ferramenta de Gestão?

Cerâmica

- 235 Leandro Hecko
Arqueologia e História e Cultura da Alimentação no mundo grego antigo
- entre a documentação escrita e a cultura material
- 257 Matheus Morais Cruz
Vetera I e Colonia Ulpia Traiana - algumas reflexões sobre a presença romana no *limes germanicus*
- 275 Sérgio Aguiar Montalvão
Uma atualização do mapeamento dos achados de Estatuetas Pilares de Judá (EPJs) dos Sítios Arqueológicos de Israel - Observações e Resultados sobre a Pesquisa
- 289 Gabriel Arriel Pedrozo
Fictile et Urbs: um estudo da Cerâmica Campânica e suas interações em Carthago Nova

Vetera I e Colonia Ulpia Traiana – algumas reflexões sobre a presença romana no *limes germanicus*

Matheus Morais Cruz¹

Introdução

O presente capítulo busca apresentar algumas reflexões preliminares, decorrentes da pesquisa de mestrado² intitulada “As ânforas de *Vetera I*: contatos, fronteiras e abastecimento militar romano no *limes germanicus*”, acerca da presença romana na região do *limes germanicus*, a partir do estudo das ânforas comerciais provenientes do assentamento dos cugernos (*Oppidum Cugernorum* ou *Civitas Cugernorum*), posteriormente elevado à Colônia Úlpia Trajana (*Colonia Ulpia Traiana*), e do acampamento legionário *Vetera I*, ambos os sítios arqueológicos localizados na atual cidade de Xanten (Alemanha).

As ânforas romanas, entendidas como parte do *instrumentum domesticum* e como o principal contêiner cerâmico para o transporte de bens de consumo essenciais para a manutenção do modo de vida romano nas províncias do Império (Bevan, 2014; Funari, 1985; 1990), constituem-se como suportes essenciais para a compreensão da economia, do comércio e do consumo desse período e proporcionam a reflexão sobre aspectos importantes da história ausentes ou pouco explorados na documentação literária, além de informações sobre as classes menos favorecidas da sociedade.

Além de fornecerem uma ampla possibilidade de conjecturas sobre as preferências de produção e consumo e sobre o comércio regional e local de mercadorias, as ânforas também se caracterizam como elementos fundamentais para nossa compreensão sobre a inserção dessas ocupações romanas dentro do sistema imperial de circulação comercial e de abastecimento militar.

A tônica do trabalho são os contatos econômicos e comerciais estabelecidos entre os dois contextos estudados e sua participação nas dinâmicas de circulação interprovincial de bens no Império.

(1) Mestrando em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. <matheusmrcruz@gmail.com>.

(2) Processo FAPESP nº 2020/14025-9.

Breve contextualização

Com as conquistas de César na Gália e a reorganização da região por Augusto, Roma passou a controlar áreas estrategicamente importantes para a manutenção de seu poder no Oeste e Centro-Oeste da Europa.

Apesar disso, a instabilidade da fronteira devido às frequentes incursões das tribos localizadas a leste do Reno levou Marco Vipsânio Agripa (63-12 a.C.) e, posteriormente, os irmãos Nero Cláudio Druso (38-09 a.C.) e Tibério Cláudio Nero (42 a.C.-37 d.C.) à realização de campanhas de fundamental importância para o estabelecimento da presença romana na região da Renânia, por meio de campanhas executadas contra essas tribos e pela fundação de bases militares e assentamentos civis que, com o passar dos anos, garantiram a criação do *limes germanicus*. As campanhas de Druso, promovidas entre 14 e 9 a.C., tiveram como bases operacionais acampamentos localizados em cidades do Médio e Baixo Reno, dentre eles *Vetera*,³ uma base legionária situada na atual cidade de Xanten.

O acampamento de *Vetera I* foi implantado sobre uma moreia, chamada Fürstenberg, localizada na margem esquerda do rio Reno (Hanel, 1991; 2006). Sua localização permitia o controle da confluência do rio Reno com o Lippe, o que favorecia o transporte fluvial e o situava em um trecho do rio de frente para as tribos germânicas dos sugambros e dos usípetes (Wolters, 2020).

Vetera I atuava como um centro ofensivo e defensivo para a manutenção da autoridade romana no *limes*, localizado próximo à Colônia Cláudia Ara Agripinênsio (Colônia), ao sul do *Oppidum Batavorum* (Nimegue), ao norte da fortaleza legionária *Novaesium* (Neuss), e a apenas dois quilômetros do assentamento dos cugernos, que futuramente se tornaria a Colônia Úlpia Trajana (Carroll, 2005; Hanel, 2020). (Fig. 1)

Após a destruição definitiva do primeiro acampamento durante a Revolta dos Batavos em 69/70 d.C., uma nova ocupação (*Vetera II*) foi fundada a cerca de 1,5 quilômetros a nordeste de *Vetera I*, em um terreno mais baixo e mais próximo ao Reno, provavelmente, durante a reorganização da fronteira por volta de 70 d.C., sob Quinto Petílio Cerial.

Em Xanten também existiu um outro importante local de ocupação romana: o assentamento dos sugambros (*Oppidum Cugernorum* ou *Civitas Cugernorum*), fundado por Tibério em 8 a.C. como resultado da realocação de membros dessa tribo (a partir de então chamados de cugernos) da margem leste do Reno à margem oeste após uma série de conflitos ocorridos entre 12 e 11 a.C. (Wolters, 2020).

(3) Os termos *Vetera* e *Vetera castra* foram mencionados pela primeira vez nas *Histórias* de Tácito (IV.21, IV.57, IV.58, IV.62 e V.14). A partir do desenvolvimento das pesquisas arqueológicas entre o final do século XIX e o início do século XX, contudo, a literatura moderna passou a empregar os termos *Vetera I* e *Vetera II* para se referir aos dois períodos de funcionamento do acampamento (Hanel, 1994). É importante mencionar que, embora algumas abordagens sejam feitas ao acampamento de *Vetera II*, o eixo central dessa pesquisa se concentrará sobre *Vetera I*.

Esse assentamento, instalado ao norte de *Vetera I*, se tornou o lar de cugernos e romanos (especialmente veteranos das legiões) e cobria, por volta de 70 d.C., uma área aproximada de 30 hectares. Sinais de destruição do acampamento referentes a um período anterior à sua elevação a colônia indicam que, assim como *Vetera I*, o local também fora assolado durante a Revolta dos Batavos (Hanel, 2020; Precht, 2008), embora não tenha sido abandonado após o evento como sucedeu com o acampamento.

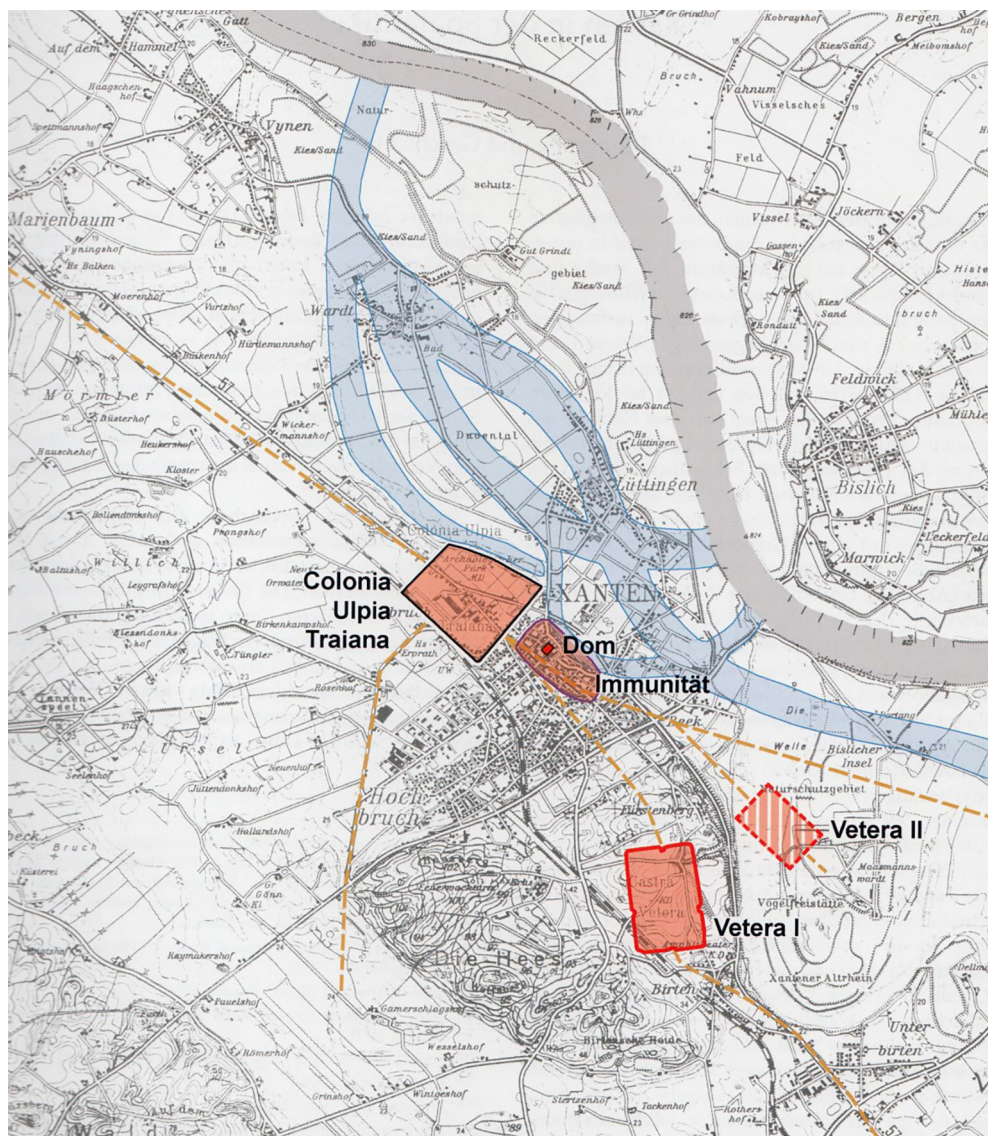


Fig. 2. Mapa de Xanten. O curso do Reno na época romana é mostrado em azul, enquanto o curso atual está em cinza. São identificados também os acampamentos legionários *Vetera I* e *Vetera II* e a Colônia Úlpia Trajana (antigo assentamento dos cugernos), além do centro antigo da cidade construído durante a Idade Média e sua catedral (*Dom*). Fonte: Otten; Ristow, 2008, p. 550.

A proximidade do assentamento a um braço do Reno permitia que o local fosse acessado por rotas fluviais, o que justifica a existência de um porto em seu lado ocidental (Hanel, 2020).

Apesar dos poucos vestígios arqueológicos das primeiras edificações desse assentamento, as pesquisas arqueológicas apontaram para a existência de construções em madeira e cabanas, concentradas nas proximidades do braço do Reno e a leste da estrada que conectava a região a outros assentamentos romanos (Precht, 2008; Zieling, 1989; 2001). Dentre essas edificações, foram identificadas algumas indústrias como olarias, açougues, fábricas de curtumes e artesãos de sapatos, instaladas nas proximidades do porto (Hanel, 2020). Outra fonte de informações para esse período inicial de ocupação são os contextos de sepultamentos encontrados ao redor desta área construída, os quais revelaram artigos fúnebres datados do início do século I d.C., além de achados de *terra sigillata*, moedas e fíbulas do período entre os reinados de Augusto e Tibério que coincidem com a localização das construções de madeira e dos sepultamentos (Carreras, 2012).

Com o estabelecimento da província da Germânia Inferior, a expansão do porto e a redistribuição das tropas romanas durante o governo de Domiciano, o assentamento dos cugernos foi ampliado, adquirindo, provavelmente, o estatuto de *municipium*, passando a corresponder às dimensões e ao plano aproximado da futura colônia e recebendo construções com fundação de pedra (Precht, 2008).

A fundação de cidades e assentamentos romanos foi essencial para a manutenção da influência romana sobre as províncias, especialmente, em regiões fronteiriças como o norte da Gália e a Renânia. Para isso, um elemento fundamental era o apoio das elites locais, que, em muitos casos, atuavam como agentes do estado romano, servindo como magistrados na administração local e fazendo da cidade um espaço de competição política por meio da ostentação de riqueza e poder. Essa estratégia funcionou bem no sul, centro e, até certo ponto, no norte da Gália. Contudo, a adesão das elites do Baixo Reno ao ideal urbano de Roma foi muito menor (Carroll, 2005). No caso de Xanten, embora a colônia tenha sido coabitada por romanos e membros de tribos nativas, a resistência a esse estilo de governo é atestada pela ausência de edifícios públicos e habitações de estilo romano construídos em pedra até, pelo menos, sua elevação ao estatuto de *municipium*, mas, principalmente, ao estatuto de colônia romana durante o governo de Trajano, quando a ocupação passou a se chamar Colônia Úlpia Trajana (Eck, 2008). (Fig. 3)

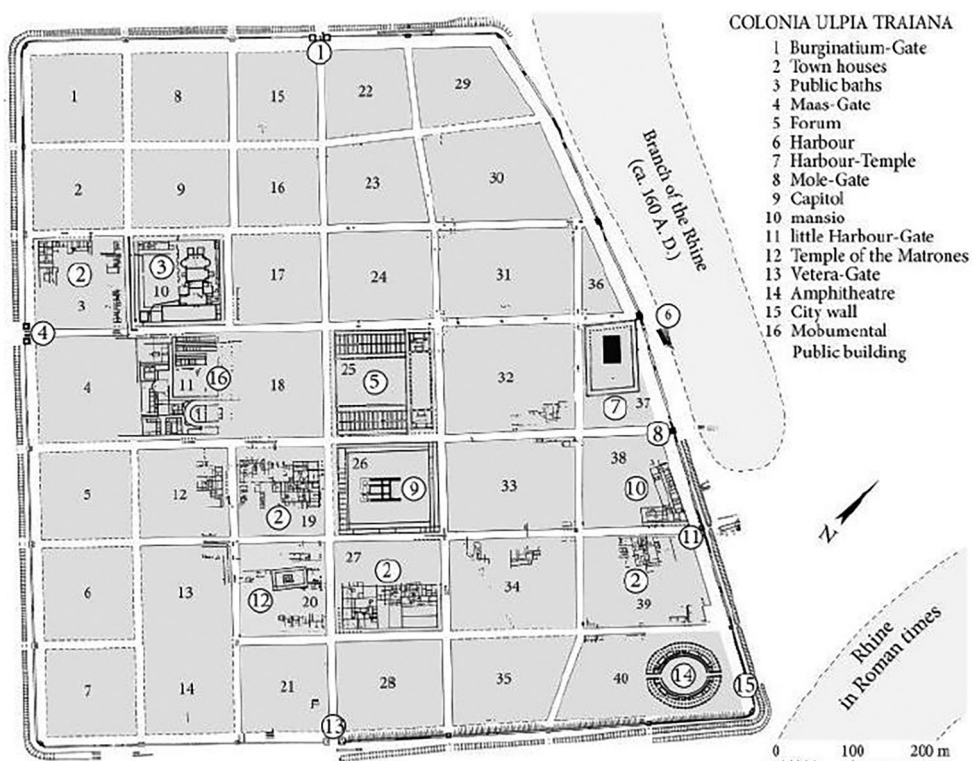


Fig. 3. Configuração da Colônia Úlpia Trajana nos séculos II e III d.C. (cortesia de Horst Stelter, Parque Arqueológico de Xanten). Fonte: Hanel, 2020, p. 200.

Arqueologia e Anforologia em Xanten

O interesse pelo estudo de *Vetera* data desde o século XVI, quando Stephan Winandus Pighius (1520-1604) comandou as primeiras missões para sua identificação, apoiando-se, sobretudo, na comparação entre as descrições geográficas apresentadas nas Histórias de Tácito e as características topográficas da região (Hanel, 2014; Obladen-Kauder, 2014).

Foi, contudo, apenas na segunda metade do século XIX, durante um período de florescimento de numerosas associações de história e sociedades de patrimônio nas províncias ocidentais prussianas da Renânia e da Vestfália, que as pesquisas arqueológicas em Xanten, lideradas por Joseph Steiner (1838-1914), passaram a ser realizadas de modo sistemático, tendo recebido ainda mais impulso com a criação, em 1877, da Associação de Antiguidades do Baixo Reno (*Niederrheinische Altertumsverein*) e com a parceria firmada entre essa e o Museu Provincial de Bonn (Schmenk, 2008; Schreiter; Jaschke, 2014).

A riqueza dos achados arqueológicos, principalmente, do acampamento de *Vetera* I, colocou Xanten em posição de destaque. Com exceção dos períodos das duas

Guerras Mundiais, durante os quais as atividades arqueológicas foram totalmente interrompidas, as pesquisas arqueológicas em Xanten evoluíram exponencialmente ao longo do século XX. Reflexo disso são a criação do Museu de Antiguidades de Xanten (*Altertumsmuseums in Xanten*), em 1908, no espaço do *Klever Tor* (Schmenk, 2008; Schreiter; Jaschke, 2014); a realização das primeiras sondagens subaquáticas na área de *Vetera II*, a partir da década de 1950, sob a liderança de H. von Petrikovits (Petrikovits, 1959); a fundação, em 1974, do Museu Regional de Xanten (*Regionalmuseums Xanten*) destinado a receber os achados arqueológicos anteriormente sob posse da Associação; a criação, em 1977, do Parque Arqueológico de Xanten (*Archäologische Park Xanten – APX*); e a inauguração do Museu Romano de Xanten (*RömerMuseum*), em 2008, sob a direção de Hans-Joachim Schalles. (Figs. 4, 5, 6)

Entretanto, apesar do grande interesse pelo estudo dos assentamentos, fortalezas e colônias que fizeram parte do *limes germanicus*, especialmente os de Xanten, os objetos antigos da vida cotidiana, como aqueles do *instrumentum domesticum*, receberam pouca atenção dos arqueólogos. Durante toda a primeira metade do século XX, muitos dos achados anfóricos de Xanten foram tratados de forma fragmentária e superficial.



Fig. 4. Abertura do museu no *Klever Tor* em 1908. Fonte: Müller; Schalles; Zielsing, 2008.



Xanten. - Inneres des Museums römischer Altertümer.

Fig. 5. Vista interior dos achados arqueológicos armazenados no museu do *Klever Tor*. Fonte: Schreiter; Jaschke, 2014, p. 180.



Fig. 6. Fotografia aérea do Parque Arqueológico de Xanten. Foto: Axel Thünker.

Foi apenas a partir da segunda metade do século XX, com a publicação dos artigos de B. Heukemes (1958) e E. Ettlingen (1977), com a tradução do artigo de J. Remesal Rodríguez para o alemão (1977) e com as primeiras iniciativas para a criação de um *corpus* anfórico patrocinadas pela *Römisch-Germanische Limes Kommission* e, posteriormente, pela *Bodendenkmalamt Baden-Württemberg*, que os arqueólogos interessados no estudo do *limes germanicus* passaram a desenvolver pesquisas modernas sobre as ânforas da região (Remesal Rodríguez, 2018).

Esses trabalhos pioneiros culminaram no grande desenvolvimento do estudo desse tipo cerâmico na Renânia a partir da década de 1980, como as publicações de E. Schallmayer (1982 e 1983) e S. Martin-Kilcher (1987).

O primeiro projeto que objetivou estudar o material anfórico da antiga Colônia Úlpia Trajana foi fundado no final da década de 1970 por J. Remesal Rodríguez, com o apoio de H. Schönberger, e intitulado *Amphoren aus Xanten*. Segundo Remesal Rodríguez (2006), até a década de 1980, apenas sete selos anfóricos dos mais de 300 selos e *tituli picti* até então registrados e armazenados nos arquivos do APX haviam sido analisados e publicados.

A partir de uma abordagem global das fontes epigráficas impressas sobre essas ânforas, em especial, os selos e *tituli picti*, o projeto buscou fornecer uma melhor compreensão sobre as relações econômicas de Xanten com outras províncias romanas, bem como, sobre a organização econômica e administrativa geral do Império. Além disso, a partir da análise desse material, o projeto contribuiu para novas avaliações sobre a datação dos níveis estratigráficos de cada sítio escavado (Remesal Rodríguez, 2006).

Entretanto, foi somente nos anos iniciais do século XXI, que um grande projeto criado a partir de uma parceria estabelecida entre o Centro de Estudos sobre a Interdependência Provincial na Antiguidade Clássica da Universidade de Barcelona (CEIPAC-UB), dirigido por J. Remesal Rodríguez, e a Associação Regional da Renânia (*Landschaftsverband Rheinland-LVR*) foi organizado para o estudo da totalidade do material anfórico disponível no APX.

No caso do acampamento *Vetera I*, as ânforas, assim como outros artefatos do cotidiano das populações locais, também começaram a receber a devida atenção dos estudiosos apenas no final do século XX. Uma grande quantidade dos achados foi registrada nos relatórios preliminares de escavação publicados nos antigos volumes do *Bonner Jahrbücher*⁴ entre 1904 e 1933. O último grande trabalho sobre essas ânforas e fragmentos de ânforas foi realizado por Norbert Hanel, entre as décadas de 1980 e 1990, durante o desenvolvimento de sua

(4) Periódico criado pela *Vereins von Alterthumsfreunden Rheinlande*, atualmente sob responsabilidade do *LVR-Landesmuseums Bonn*, publicado desde 1842 e disponível em: <https://journals.ub.uni-heidelberg.de/index.php/bjb/about>.

tese de doutorado (Hanel, 1995), a qual teve como objetivo analisar e sistematizar os achados publicados nesses relatórios, e que nunca foi objeto de revisão.

As ânforas de Xanten: transporte, circulação, consumo e descarte

A ânfora comercial foi um tipo de vaso cerâmico caracterizado por suas duas alças laterais e por seu formato geralmente ovoides projetado para se obter maior eficiência logística e manuseio individual, oferecendo, ainda, resistência estrutural e otimização de espaço durante seu transporte (Bevan, 2014). Esse tipo cerâmico foi muito importante para a realização do comércio na Antiguidade, tendo sido utilizado para o transporte de longa distância, principalmente pelas rotas marítimas, e armazenamento de bens de consumo essencialmente líquidos ou pastosos, como vinho, azeitonas, azeite, molho de peixe (*garum*), *defrutum*, mas, também, produtos secos, como cereais, grãos e frutas secas (Funari, 1985; Peacock; Williams, 1986).

As ânforas de Xanten, advindas da Colônia Úlpia Trajana e de *Vetera I*, podem ser consideradas, juntamente com as da Colônia Cláudia Ara Agripinênsio, as fontes mais extensas e significativas para o estudo dos mecanismos de abastecimento na Renânia, além de fornecerem uma ampla possibilidade de conjecturas sobre o comércio regional e local de mercadorias.

O projeto do CEIPAC analisou cerca de 18 mil fragmentos de ânforas recuperados ao longo de 337 escavações realizadas sobre a área da antiga colônia (Remesal Rodríguez, 2018). Em sua primeira fase, em 2001, foram estudados apenas os suportes epigráficos dessas ânforas identificados até aquele momento. A partir de 2002, foi dado início à segunda fase, na qual os pesquisadores se dedicaram ao estudo das ânforas identificadas em uma única zona da antiga colônia, a *Insula 39*, depois expandindo-o para as áreas da *Ostmauer*, *Hafen-grabung* e *Insula 15*. Por fim, na terceira fase, o trabalho consistiu no estudo da totalidade do material anfórico da cidade.

O projeto executado pelo CEIPAC foi dividido em duas etapas: a classificação em tipologias desses achados por meio da análise da forma (quando possível) e da pasta; e a sua quantificação com a aplicação de técnicas de junção manual dos fragmentos de um mesmo indivíduo e do cálculo do Equivalente Estimado dos Vasos (EVE)⁵ – técnicas responsáveis por fornecer informações suficientes para estudos intra-sítio e comparações com coleções advindas de outras regiões do Império Romano (Carreras, 2006; Carreras; De Soto, 2018).

(5) Essa técnica consiste em aferir a proporção de um indivíduo completo a partir das porcentagens graduais de fragmentos de bocas, corpos, alças e pés a fim de se contabilizar o número de indivíduos dentro de uma amostragem (Carreras, 2006; Orton; Tyers; Vince, 1993).

Embora não esteja claro se o projeto considerou também todas as tipologias de ânforas produzidas local ou regionalmente – como as do Vale do Escalda (Schmitz, 2014), produzidas em Dourges, no norte da França, e comercializadas no Baixo Reno –, o material recuperado da antiga colônia mostrou-se como uma importante amostragem para a compreensão de seu consumo e descarte, não apenas pela qualidade dos fragmentos recuperados, mas, também, por providenciar um excelente horizonte cronológico, datando do início do período augustano-tiberiano até a segunda metade do século II d.C. (Carreras, 2006; Carreras; De Soto, 2018). (Fig. 7)

As ânforas de *Vetera I*, por outro lado, representam uma amostragem muito menor e menos documentada, estimada em 275 ânforas individuais (Hanel, 1995)⁶ – reflexo dos impactos destrutivos sobre o sítio decorrentes de atividades agrícolas e obras de implantação de ferrovias (Hanel, 2014). Apesar da baixa amostragem, os achados de *Vetera I* trazem em si exemplares únicos de registros epigráficos (selos e *tituli picti*), além de corresponderem a conhecidas tipologias de ânforas de vinho, molho de peixe e azeite em circulação no período de operação do acampamento. (Fig. 8)

Embora o projeto do CEIPAC tenha levantado informações importantes sobre os padrões de consumo e descarte de ânforas na área da antiga

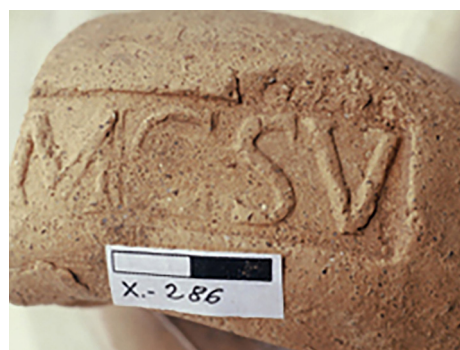
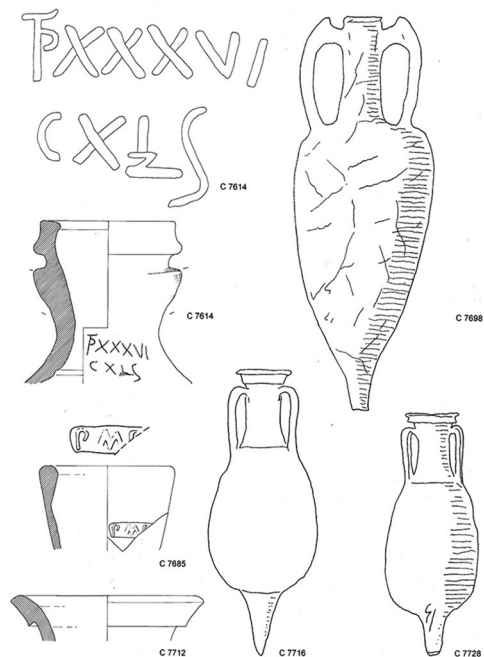
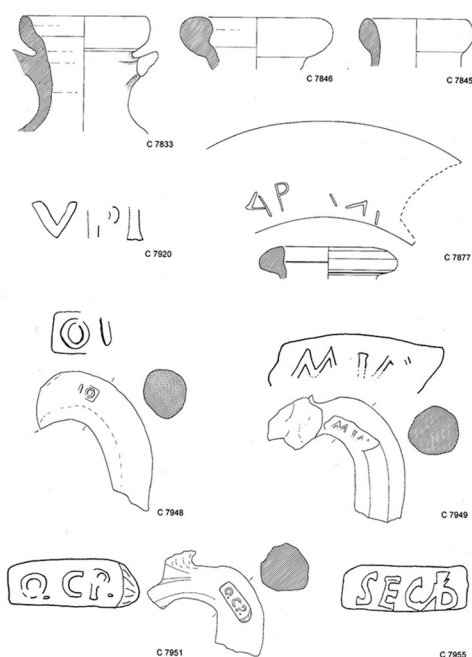


Fig. 7. Fragmentos anfóricos procedentes da Colônia Úlpia Trajana: pescoço de ânfora do tipo Dressel 2-4 (acima) e selo sobre ânfora de tipo Dressel 20 (abaixo). Fonte: CEIPAC.

(6) Diferentemente das publicações do CEIPAC sobre o material da antiga colônia, não está claro qual foi a metodologia de Hanel (1995) empregada para a quantificação dos espécimes. Da mesma forma, sua classificação baseou-se exclusivamente na identificação de formas e da coloração da pasta, fazendo-se necessária, portanto, uma revisão desses métodos.



Amphoren. M. 1 : 3. °C 7608. M. 1 : 5. Stempel und Graffiti M. 1 : 1. °C 7716 und 7728 unaufablich.



Amphoren. M. 1 : 3. Stempel und Graffiti M. 1 : 1.

Fig. 8. Fragmentos e registros epigráficos de ânforas identificadas em *Vetera I*. Fonte: Hanel, 1995.

colônia, assim como analisado possíveis relações comerciais e logísticas entre ela e outras províncias do Império a partir de análises quantitativas e estatísticas, algo similar não foi realizado com o material de *Vetera I*, provavelmente, devido ao baixo número de achados anfóricos. Acreditamos, contudo, que um estudo comparativo, ainda que aplicado sobre uma pequena amostragem, aliado à análise de conjuntos de ânforas advindos de outros acampamentos legionários, como os de Neuss e Kops Plateau (Nimegue), datados aproximadamente do mesmo período, possa revelar informações importantes sobre esses padrões estabelecidos em Xanten. Além disso, de vital relevância é o estudo das relações econômicas/comerciais no contexto da criação de uma estrutura logística que, no caso da Germânia, desempenhou um papel crucial na expansão e consolidação da influência romana sobre a região e na manutenção de um estilo de vida romano baseado no consumo de produtos mediterrânicos desde as primeiras campanhas de César no Baixo Reno (Bechert, 2007; Horn, 2002).

É importante observar que a classificação e quantificação realizadas pelo CEIPAC referem-se à totalidade das ânforas identificadas na Colônia Úlpia Trajana, transportadas, consumidas e descartadas ao longo de pelo menos três séculos, desde o período da ocupação do assentamento dos cugernos até o abandono da cidade no século III d.C. Assim, a partir de uma leitura cuida-

dosa das publicações referentes à datação dos sítios e sua correlação com a conhecida gama de produção de cada tipologia, tem sido necessário identificar as ânforas pertencentes ao período até a devastação parcial do assentamento durante a Revolta dos Batavos e antes de sua elevação à colônia romana, para que possamos fornecer uma comparação mais precisa entre elas e as ânforas de *Vetera I*.

Com isso em mente, alguns sítios com cronologias homogêneas bem definidas e conjuntos de ânforas representativos foram selecionados a fim de avaliar possíveis mudanças e continuidades nos padrões de importação, consumo e descarte dessas ânforas, do ponto de vista da evolução cronológica.

As ânforas são geralmente consideradas fósseis diretores para o estudo e quantificação dos mecanismos de distribuição, comércio e consumo de bens alimentares (Funari, 1985; Peacock, 1982). O mapeamento dos fluxos de produtos – o qual tem apontado para uma utilização combinada de rotas marítimas, fluviais e terrestres pelo comércio inter-regional – tem fornecido informações importantes sobre o comércio nesse período e a presença romana nas províncias do Império. Dessa forma, as ânforas não devem ser entendidas simplesmente como artefatos eficazes para o fornecimento de um “índice” do transporte de bens na antiguidade, mas como testemunhos diretos da movimentação de determinados gêneros alimentícios de vital importância para a economia e para a manutenção de um modo de vida romano.

Embora ainda não finalizada e publicada, nossa pesquisa tem evidenciado que a variedade de tipologias de ânforas e produtos mediterrânicos encontrados em Xanten atesta a incessante participação dessas duas ocupações romanas na evolução das relações comerciais regionais e suprarregionais entre as províncias e colônias envolvidas nas dinâmicas econômicas do Império, bem como a participação híbrida de comerciantes privados e do próprio Estado romano nas redes de comércio de longa distância que abasteciam esses assentamentos fronteiriços.

Considerações finais

Nosso objetivo com essa pesquisa é identificar possíveis padrões de transporte, circulação, consumo e descarte de ânforas, bem como, discutir os mecanismos logísticos do sistema de abastecimento romano que viabilizavam a circulação desses recipientes em ambos os contextos arqueológicos de Xanten. Além disso, ambicionamos identificar possíveis relações econômicas e comerciais entre o assentamento – um contexto civil de diversidade populacional envolvendo romanos, nativos germânicos e comerciantes etnicamente distintos – e o acampamento – um contexto militar, essencialmente romano.

Entendemos que o estudo regional e historicamente contextualizado dos dois contextos aliado a uma perspectiva global do comércio, da economia e da política de expansão romana possam nos ajudar a refletir sobre como as condições historicamente determinadas, que caracterizaram as transformações ocorridas no Império Romano, delinearam ao longo de quase um século o desenvolvimento interno de ambos os locais, as estratégias econômicas e comerciais para a manutenção da fronteira, e as diferentes formas de relação estabelecidas entre romanos e germânicos dentro de um contexto fronteiriço e altamente militarizado.

Embora nossa investigação em desenvolvimento seja apenas uma contribuição à discussão dos temas expostos, pretendemos, a partir da análise dos dados obtidos por meio dos métodos de quantificação empregados e das informações obtidas pela leitura dos suportes epigráficos (selos anfóricos e *tituli picti*) identificados em Xanten, explorar novos desenvolvimentos teóricos voltados à avaliação do papel das ânforas de *Vetera I* e do assentamento dos cugernos nos sistemas de circulação comercial e de abastecimento militar, responsáveis por fornecer os bens de consumo necessários para a manutenção dos assentamentos romanos na região.

Referências bibliográficas

Fonte primária

TÁCITO.

Históres. Livros IV e V. Tradução: Henri Le Bonniec. Paris: Les Belles-Lettres, 1987.

Literatura moderna

BECHERT, T.

Germania inferior: eine Provinz an der Nordgrenze des römischen Reiches. Mainz: von Zabern, 2007.

BEVAN, A.

Mediterranean containerization. *Current Anthropology*, v. 55, n. 4, p. 387-418, 2014.

CARRERAS, C.

A quantitative approach to the amphorae from Xanten: a more comprehensive view of long-distance trade. *Römische Amphoren der Rheinprovinzen unter Besonderer Berücksichtigung des Xantener Materials*. Regionalmuseum Xanten, 13-15, Januar 2004. *Xantener Berichte*, v. 14, p. 25-39, 2006.

CARRERAS, C.

Logística Militar ao longo do Mar Exterior: a Rota Atlântica e a distribuição do Haltern 70 Amphora. In: FUNARI, P. P. A.; CARVALHO, M. M. de; CARLAN, C. U.; SILVA, É. C. M. da (Orgs.) *História Militar do Mundo Antigo: Guerras e Identidades*. São Paulo: Annablume, vol. 1, 2012, p. 131-155.

CARRERAS, C.; DE SOTO, P.

Metodología – estudo quantificado de las ánforas. In: REMESAL RODRÍGUEZ, J. (Ed.) *Colonia Ulpia Traiana (Xanten) y el Mediterráneo: el comercio de alimentos*. Colección Instrumenta; 63. Corpus international des timbres amphoriques. Fascicule 26, 2018, p. 21-57.

CARROLL, M.

Romans, Celts & Germans: The German Provinces of Rome. Stroud: Tempus Publishing Group Limited, 2005.

ECK, W.

Die Gründung der Colonia Ulpia Traiana in ihrem politischen Kontext. In: MÜLLER, M.; SCHALLES, Hans-Joachim.; ZIELING, N. (Eds.) *Colonia Ulpia Traiana*. Xanten und sein Umland in römischer Zeit. Mainz: Zabern, 2008, p. 243-255.

ETTLINGEN, E.

Aspects of Amphora Typology seen from the north. *Méthodes classiques et méthodes formelles dans l'étude typologique des amphores*. Actes du colloque de Rome, 27-29 mai 1974. Roma: Collection de l'École Française de Rome, v. 32, 1977, p. 9-16.

FUNARI, P. P. A.

As Transformações Morfológicas das Ânforas Olearias Béticas de Tipo Dressel 20. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo. São Paulo. 1985.

FUNARI, P. P. A.

Padrões de consumo de azeite na Britannia romana. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo. São Paulo. 1990.

HANEL, N.

Archaeology of Germania Inferior: Urbanization. In: JAMES, Simon.; KRMNICEK, S. (Eds.) *The Oxford Handbook of the Archaeology of Roman Germany*. Oxford: Oxford University Press, 2020, p. 188-222.

HANEL, N.

Auf der Suche nach Vetera castra – Die römischen Militärlager auf dem Fürstenberg als Forschungsgegenstand während des zweiten Deutschen Kaiserreichs. In: SCHMITZ, D.; SCHREITER, C. (Orgs.) *An den Grenzen des Reiches: Grabungen im Xantener Legionslager am Vorabend des Ersten Weltkrieges*. Xanten, Mainz: Landschaftsverband Rheinland, LVR-Archäologischer Park Xanten, Nünnerich-Asmus, 2014, p. 54-63.

HANEL, N.

Überlegungen zum Beginn der römischen Besetzung auf dem Fürstenberg bei Xanten. In: TRIER, B. (Org.) *Die römische Okkupation nördlich der Alpen zur Zeit des Augustus*. Kolloquium Bergkamen 1989 - Vorträge. Bodenaltertümer Westfalens 26. Münster, 1991, p. 25-31.

HANEL, N.

Vetera I. Die Funde aus den römischen Lagern auf dem Fürstenberg bei Xanten. Mit einem Beitrag von Thilo Rehren. *Rheinische Ausgrabungen*, 35. Colonia, Bonn, Rheinland-Verlag, 1995.

HANEL, N.

Xanten – Vetera (Castra). In: REDDÉ, M.; BRULET, R.; FELLMANN, R. et al. (Eds.) *Les fortifications militaires. L'architecture de la Gaule romaine*. Documents d'archéologie française 100, Paris, Bordeaux, 2006, p. 427-432.

HANEL, N.

Zum antiken Namen der Legionslager auf dem Fürstenberg bei Xanten: Vetera castra. *Xantener Berichte*, v. 5, p. 263-265, 1994.

HANEL, N.; SONG, B.

Luftbildprospektionen zu den Militärlagern Vetera castra I auf dem Fürstenberg bei Xanten: Zur praetentura und dem Befestigungssystem des neronischen Zweilegionenlagers. In: VAGALINSKI, L.; SHARANKOV, N. (Eds.) *Limes XXII: Proceedings of the 22nd International Congress of Roman Frontier Studies*, Ruse, Bulgaria, September 2012 Sofia: National Archaeological Institute with Museum of the Bulgarian Academy of Sciences, 2015, p. 863-869.

HEUKEMES, B.

Datación de algunas marcas de ánforas españolas (noticiario). *AEspA*, v. 31, p. 197-198, 1958.

HORN, H. G.

Das Leben im römischen Rheinland. In: HORN, H. G. (Ed.). *Die Römer in Nordrhein-Westfalen*. Hamburgo: Nikol Verlagsgesellschaft, 2002. p. 139-317.

MARTIN-KILCHER, S.

Die römischen Amphoren aus Augst und Kaiseraugst. Ein Beitrag zur römischen Handels und Kulturgeschichte. 1. Die Südspanischen Ölamphoren (Gruppe 1). Augst, 1987.

MÜLLER, M.; SCHALLES, H.-J.; ZIELING, N.

(Eds.) *Colonia Ulpia Traiana. Xanten und sein Umland in römischer Zeit*. Mainz: Zabern, 2008.

OBLADEN-KAUDER, J.

Wo lag Vetera I? Die Suche nach dem römischen Militärlager im Raum Xanten seit der frühen Neuzeit bis Anfang des 20. Jahrhunderts. In: SCHMITZ, D.; SCHREITER, C. (Orgs.), *An den Grenzen des Reiches: Grabungen im Xantener Legionslager am Vorabend des Ersten Weltkrieges*. Xanten; Mainz: Landschaftsverband Rheinland, LVR-Archäologischer Park Xanten, Nünnerich-Asmus, 2014, p. 40-53.

OTTEN, T.; RISTOW, S.

Xanten in Spätantike. In: MÜLLER, M.; SCHALLES, H.-J.; ZIELING, N. (Eds.) *Colonia Ulpia Traiana. Xanten und sein Umland in römischer Zeit*. Mainz: Zabern, 2008, p. 563-567.

ORTON, C.; TYERS, P.; VINCE, A.

Pottery in Archaeology. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

PEACOCK, D. P. S.

Pottery in the Roman world: An Ethnoarchaeological Approach. Londres: Longman Archaeology Series, 1982.

PEACOCK, D. P. S.; WILLIAMS, D. F.

Amphorae and the Roman Economy: An Introductory Guide. Londres: Longman Archaeology Series, 1986.

PETRIKOVITS, H. von.

Die Legionsfestung Vetera II. *Bonner Jahrbücher*, v. 159, p. 89-133, 1959.

PRECHT, G.

Die früheste römische Besiedlung im Gebiet der späteren CUT. In: MÜLLER, M.; SCHALLES, H.-J.; ZIELING, N. (Eds.) *Colonia Ulpia Traiana. Xanten und sein Umland in römischer Zeit*. Mainz: Zabern, 2008, p. 171-209.

REMESAL RODRÍGUEZ, J.

Economía oleícola bética: Nuevas formas de análisis. *AEspA*, p. 87-141, 1977.

REMESAL RODRÍGUEZ, J.

Römische Amphoren aus Xanten. Epigraphische Aspekte. *Xantener Berichte*, 14, p. 42-48, 2006.

REMESAL RODRÍGUEZ, J.

Introducción. In: REMESAL RODRÍGUEZ, J. (Ed.) *Colonia Ulpia Traiana (Xanten) y el Mediterráneo: el comercio de alimentos*. Colecció Instrumenta; 63. Corpus international des timbres amphoriques. Fascicule 26, 2018, p. 11-20.

SCHALLMAYER, E.

Römische Okkupationslinien in Obergermanien und Rätien. Zur chronologischen Typologie der Amphoren. In: BLÁZQUES MARTÍNEZ, J. M.; REMESAL RODRÍGUEZ, J. (Eds.) *Producción y comercio del aceite en la antigüedad*. Segundo congreso internacional. Sevilla 1982, Madrid, 1983, p. 281-336.

SCHALLMAYER, E.

Wegmarken des antiken Welthandels. Römische Amphoren aus Baden-Württemberg. *Denkmalpflege in Baden-Württemberg*. Nachrichtenblatt des Landesdenkmalamtes 3, Landesdenkmalamt Baden-Württemberg. Stuttgart, 1982, p. 116-123.

SCHMENK, H.

Xanten im 19. Jahrhundert: eine rheinische Kleinstadt zwischen Tradition und Moderne. Colônia, Weimar, Viena: Böhlau Verlag, 2008.

SCHMITZ, S. D.

Scheldt-Valley Amphoren aus der Colonia Ulpia Traiana. *Xantener Berichte*, 27, p. 317-364, 2014.

SCHREITER, C.; JASCHKE, K. Das

LVR-RömerMuseum im Archäologischen Park Xanten - Geschichte und Konzept. *Rheinische Vierteljahresblätter*, v. 78, p. 178-191, 2014.

WOLTERS, R.

Emergence of the Provinces. In: JAMES, S.; KRMNICEK, S. (Eds.) *The Oxford Handbook of the Archaeology of Roman Germany*. Oxford: Oxford University Press, 2020, p. 83-120.

ZIELING, N.

Konstruktionstypen vorcoloniazeitlicher Gebäude auf dem Areal der Colonia Ulpia Traiana. *Xantener Berichte*, 9, p. 27-36, 2001.

ZIELING, N.

Zum Stand der Vorcoloniaforschung auf dem Gebiet der Colonia Ulpia Traiana. In: PRECHT, G; SCHALES, H. J. (Eds.) *Spurenlese*. Beiträge zur Geschichte des Xantener Raumes. Colônia: Rheinland-Verl, 1989, p. 93-104.